

A difícil condição docente

BERNARDETE GATTI | Para a pesquisadora, o País forma seus professores como se fossem médicos que conhecem um bisturi só em livros, não na prática

A Unesco encomendou às pesquisadoras Bernardete Angelina Gatti e Elba Siqueira de Sá Barreto, da Fundação Carlos Chagas, um amplo estudo sobre a condição docente no País. O relatório *Professores do Brasil: Impasses e Desafios*, divulgado em setembro passado, traz um cenário preocupante, tanto ao demonstrar a precariedade da formação dos professores, quanto ao traçar, por meio da análise estatística da PNAD 2006, a renda desses profissionais. Ao estabelecerem a mediana salarial, o ponto em que 50% dos profissionais ganham abaixo de um determinado valor, as pesquisadoras chegaram ao medíocre valor de 720 reais. Ou seja, espalhados pelo Brasil, cerca de 1,5 milhão de professores ganham menos de dois salários mínimos. Nesta entrevista concedida a **Ricardo Prado**, este e outros graves problemas, principalmente relativos à formação inicial dos professores, são abordados pela coordenadora do estudo, Bernardete Gatti. E ao argumento de que "salário melhor não é garantia de melhor educação", matreiramente manejado quando se cobram vencimentos melhores para os professores, ela contrapõe outro, irretocável: "Se não tivermos salários atraentes, como vamos formar novos professores?"

Carta na Escola: A ampliação da oferta de vagas nas escolas coincide no tempo com uma progressiva corrosão salarial da categoria docente. Esses dois movimentos têm relação entre si?

Bernardete Gatti: O aumento da demanda tem relação com a necessidade que houve, a partir da década de 1970, de se contratar muitos professores, por conta da pressão



OLGA VIANHA/CPA

"Não é só uma questão de salário baixo, porque também não temos carreira. Um professor hoje não vislumbra possibilidade de subir na carreira dando aulas"

por mais escolas. Mas acho que não é só isso. Os governos, quando põem uma prioridade, têm condições de fazer ajustes em seus orçamentos, procurando outras fontes. Mas o professor não é visto como um profissional, e esse é um problema neste país. A visão que se tem do professor é que ele cumpre uma missão, uma vocação. Então, você junta esses dois fatores, e nós estamos nessa situação. Não são todos os estados que têm salários baixos, há quatro ou cinco que os têm melhores. Só que este país não é feito só por esses estados; temos outros vinte e tantos que não pagam bem, não têm carreira no magistério, sem falar nos 5 mil e tantos municípios, quase todos em



situação semelhante. Além disso, é preciso também desconfiar dos dados das Secretarias de Fazenda, porque eles põem no salário do professor abonos, prêmios e outros benefícios eventuais que não fazem parte do salário. Então, para fazer o relatório encomendado pela Unesco, buscamos os dados da PNAD 2006 (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio), que traz a informação vinda do professor; então, a gente constata que ele realmente ganha pouco. Temos de considerar também que a grande massa dos professores está na educação infantil e no Ensino Fundamental, da 1ª à 4ª série, onde se paga menos ainda. E não é só uma questão do salário baixo, porque também não temos carreira. Um professor não vislumbra hoje nenhuma possibilidade de subir na carreira, a não ser que abandone as aulas e vá ser coordenador pedagógico ou diretor.

CE: *Ser professor tinha mais reconhecimento social antes?*

BG: Acho que, na medida em que a população cresce, várias profissões perdem um pouco aquele halo que tinham. No Brasil do começo do século até os anos 40, quase não havia escola pública. Então eu relativizo esse status. Claro que a professora primária tinha um valor, mas nunca teve um salário muito alto, era mais um valor

social. Ser professor era uma profissão considerada de alto nível. Agora isso se perdeu, como a medicina tem perdido seu prestígio para certas áreas da engenharia. Restou o respeito. Ainda hoje se tem muito respeito pelo professor, especialmente nas classes menos favorecidas. Nós estamos finalizando uma pesquisa aqui na Fundação Carlos Chagas sobre a imagem do professor junto aos alunos de Ensino Médio. E a gente vê que, sejam de classe mais elevada, sejam de classe menos favorecida, os alunos valorizam muito o professor, idealmente. Acha que é uma profissão valorosa, necessária, que é sacrificada, importante etc. Por outro lado, eles não escolhem ser professores, porque não têm salário, não têm carreira, têm de lidar com adolescentes. Eles frisam muito isso: "Lidar com pessoas como nós é muito difícil". Então, a avaliação deles é que é uma profissão muito sacrificada e o custo-benefício não compensa.

CE: *Mas muitos municípios alegam que não têm verba sequer para pagar o piso salarial nacional. Como superar esse impasse?*

BG: Solucionar essa situação não é fácil. Se, por um lado, a gente reconhece que salários muito altos para os professores podem onerar os orçamentos dos estados e municípios, por outro, precisamos achar maneiras de poder fazer isto, talvez juntando co-

operativamente os orçamentos de estados, municípios e da União.

CE: *O Fundeb não funciona como um esforço conjunto entre as três esferas de governo?*

BG: O Fundeb era uma idéia desse tipo, mas ele repartiu o mesmo bolo, que era só para o Ensino Fundamental, agora para a Educação Infantil e o Ensino Médio. Portanto, diminuiu a contribuição para a educação, se a gente for analisar na ponta do lápis. Nós precisaríamos fazer com que o Fundeb agregasse outros valores.

CE: *O fim da Desvinculação de Recursos da União (DRU), aprovada há pouco, seria um caminho para aumentar essa verba?*

BG: Seria, se o dinheiro for bem empregado, porque a União não tem responsabilidade direta sobre o Ensino Fundamental e o Médio, é complementar. Nem sobre a Educação Infantil. E isso faz com que o nosso ensino superior tenha pés de barro, porque não temos uma educação básica boa. Estamos abrindo vagas indiscriminadamente e perpetuando o analfabetismo funcional. Hoje, quando se faz avaliação de estudantes universitários, se vê a incapacidade deles de ler e escrever.

CE: *E preciso investir mais no professor que trabalha na base educacional?*



Bom exemplo.

"Um argentino que acabou de concluir o Ensino Médio está infinitamente mais bem preparado que um brasileiro nesta condição."

BG: Eu acho que falta a gente despertar para o papel do professor alfabetizador. E quando digo alfabetizador é aquele que faz seu trabalho de base com as várias áreas do conhecimento: Matemática, História, Geografia, porque você ensina Português por meio dessas outras disciplinas. E também é preciso desenvolver um trabalho melhor no Ensino Fundamental. Os países que tiveram êxito na educação, e que tinham a mesma condição de partida que nós, não optaram, como o Brasil, pelo ensino superior. Eles optaram por fortalecer a educação básica. Coreia do Sul, Japão ou a Argentina, todos esses países têm uma educação básica muito boa. O argentino que sai do Ensino Médio, por exemplo, tem um conhecimento infinitamente maior do que qualquer brasileiro desse ciclo.

CE: *Seria necessário, talvez, inverter a lógica do salário maior para os níveis mais elevados de ensino? O Juan Carlos Tedesco quis fazer isso, quando esteve à frente do Ministério de Educação da Argentina.*

BG: Isso também já aconteceu na cidade de São Paulo, na gestão Mário Covas. Ele pagava mais para o professor que ficasse como alfabetizador, no 1º e no 2º ano, e trabalhasse na periferia. Hoje, o professor alfabetizador é o que menos ganha. Além disso, há muitos problemas na sua formação. O estudo *Professores do Brasil* mostra isso: temos uma formação muito precária nos cursos de Pedagogia. Não temos um currículo conseqüente, há uma redução enorme no escopo da formação desse professor. Acho que nos próximos anos vamos ter mais dificuldades ainda do que temos agora. Não adianta transformar a educação superior, criar um Enem assim ou assado, se você não muda a base.

CE: *Quais os principais problemas que o estudo detectou na formação do professor alfabetizador?*

BG: O principal problema da formação básica do professor é um currículo mal direcionado, que não converge para formar um bom profissional. E um currículo interessante no que diz respeito aos fundamentos. Pela análise das ementas das disciplinas oferecidas dá para ver que os fundamentos são dados. Mas não há uma transposição desses fundamentos para metodologias e para práticas de ensino. Fica-se só com uma formação abstrata.

CE: *Ou seja, é uma formação boa de teoria mas ruim de prática?*



ALBERTO ROQUE/ARPI/GETTY IMAGES

"O principal problema da formação do professor é o currículo mal direcionado, que não converge para formar um bom profissional"

Cuba. *Desde a reforma educacional de 2000, os professores do ensino básico devem ser generalistas*

BG: Sim, é como se tivéssemos um médico que soubesse tudo sobre como usar um bisturi na teoria, mas nunca pegou um bisturi e usou, o que é muito diferente.

CE: *As Diretrizes Curriculares de formação de professores defendem os estágios desde o início do curso. Isso acontece?*

BG: O estágio é uma ficção. Pelo exame dos projetos pedagógicos das ementas vê-se que a maioria das faculdades não tem um projeto para o estágio. A gente não sabe como ele é feito, como é acompanhado, como é avaliado. Você conta nos dedos as universidades com um projeto de estágio, um programa de trabalho para os alunos e

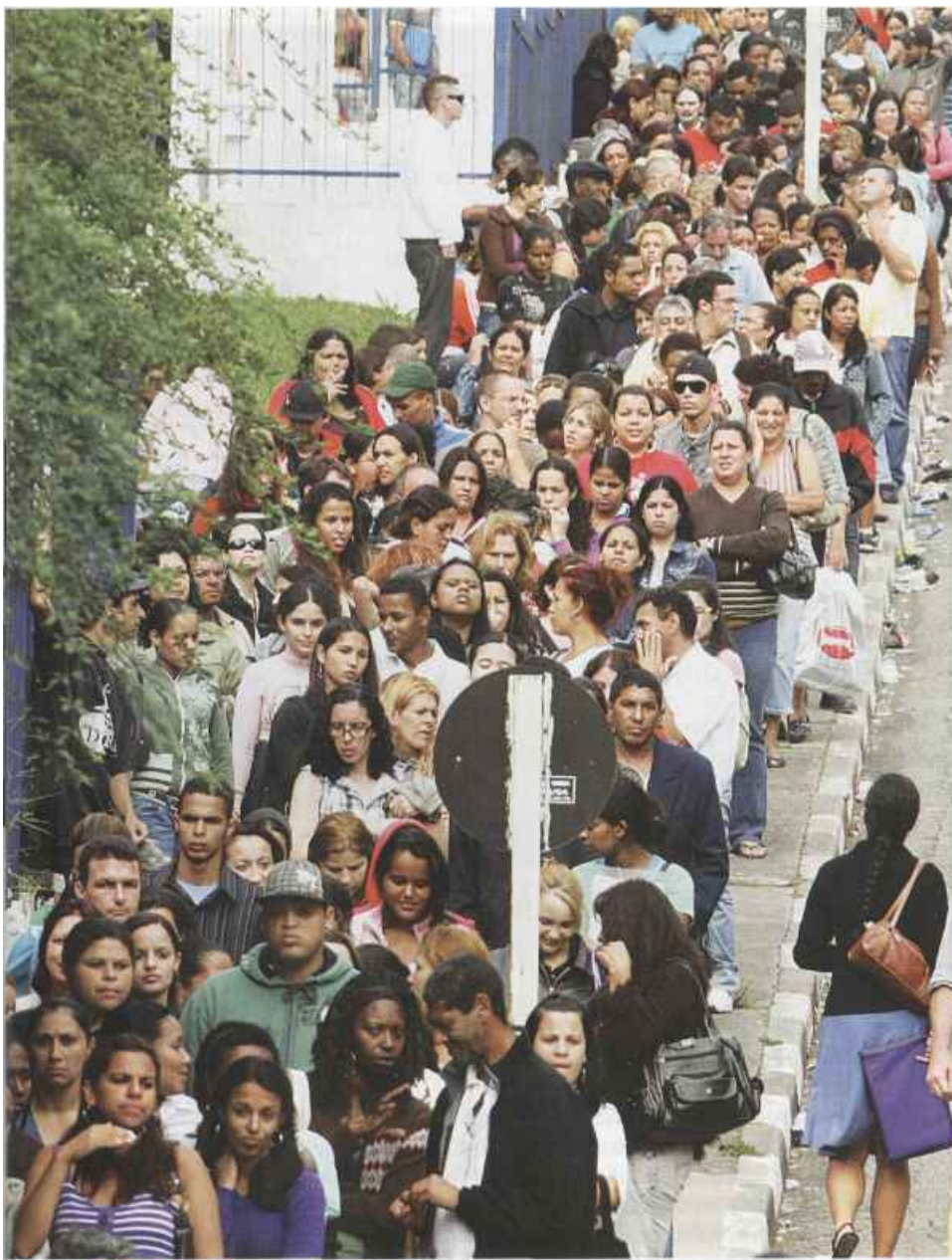
um acompanhamento consistente. Na nossa amostra do estudo encontramos quatro apenas, em um conjunto de 131 cursos de Pedagogia. E nas licenciaturas o quadro é pior ainda. Nós estudamos a licenciatura de Letras, de Língua Portuguesa, de Matemática e Ciências, que são as disciplinas básicas. Parece que houve um esquecimento de que o professor vai ter de entrar numa sala de aula, vai ter de pegar crianças em torno de 6 anos e ensinar essa criança a ler e escrever, que é um processo complexo. A criança aprende às vezes até sem professor, mas ficam buracos nessa aprendizagem. Não é uma aprendizagem estruturada, que leva a possibilidades cognitivas mais superiores.

CE: *E como deveria ser um bom trabalho de alfabetização?*

BG: O bom alfabetizador constrói as mentes das crianças, a partir da língua, com os conteúdos necessários. É uma atividade complexa. Infelizmente, nós não temos controle sobre essa formação. E o grande avaliador dessa má formação na verdade não é o Enade, mas os concursos públicos. Quando você pega um concurso, como o que teve no Recife com mais de 80 mil candidatos, e passam apenas mil, percebe-se que há uma massa de pessoas que têm o título na mão, mas não têm o conhecimento.

CE: *Que é a situação vivida por muitos advogados com diploma que não conseguem exercer a profissão porque não passam no exame da Ordem dos Advogados do Brasil...*

BG: Acho que seria bem-vindo pensar, por exemplo, num tipo de exame como o da OAB para professores. Por que não?



Saiba Mais

Fontes sobre
o tema

Professores do Brasil

A íntegra do relatório *Professores do Brasil: Impasses e desafios* encontra-se disponível em www.brasilia.unesco.org/publicacoes/livros/professores-do-brasil

nos herdamos e nunca mais largamos. Outros países largaram, porque formar um físico, um matemático, é uma coisa, e formar um professor de Física, um professor de Matemática, um professor de Biologia é outra. Em Cuba, por exemplo, desde uma reforma feita em 2000, eles partiram para a polivalência. Todo professor que se forma em Cuba é polivalente.

CE: Em *que âmbito essa formação acontece?*

BG: Esse é outro problema da formação no Brasil. Todos os países têm uma faculdade específica que forma professores. E no Brasil temos o curso de Pedagogia dentro da faculdade de educação, ou solto. E as licenciaturas nas áreas básicas. Então, o ensino de Física fica no instituto de física, o ensino de Química no de química. Você não forma um professor, ele não tem a vivência do professor. Ele tem a vivência da disciplina dele. O ideal seria termos um centro formador de professores nas universidades.

CE: *A nossa legislação educacional descentralizada atrapalha quando é preciso resolver problemas tão estruturais como estes?*

BG: Acho que não. Eu sou contra a centralização excessiva, sou contra um currículo nacional obrigatório. Defendo orientações nacionais para um currículo da educação básica. Todos os países têm isso, menos o Brasil. Por aqui, virou um tabu. Mas há uma comissão no Conselho Nacional de Educação estudando isso, acho que vai sair alguma coisa como orientações nacionais para o currículo da educação básica. Daí, cada estado ou município poderá ajustar essas orientações básicas às suas condições e necessidades. •

Indicador. Os concursos públicos dão hoje a medida da má formação dos formados

CE: *Um exame desse tipo não poderia aumentar ainda mais o déficit de professores?*

BG: Eu acho que não. Professor é uma carreira que ainda dá emprego. Pode ser até uma melhoria. A carência nas áreas de Física, Química, até de Matemática, acontece porque quem faz esse tipo de curso não quer ser professor. Se você não tem o professor da licenciatura específica, tem de procurar um que tenha uma licenciatura semelhante. Então no caso de Física, poderia ser Matemática ou Química. Se não tem este, pode ser alguém formado em uma graduação que tenha a disciplina; engenharia, por exemplo. Então, as redes vão suprindo com esse pessoal, e às vezes não

acham ninguém. Esse problema de falta de professores dá força à idéia de termos a formação de um professor polivalente de Ciências. A Universidade de Brasília (UnB) já criou uma licenciatura em Ciências. E ela faz sentido, porque o conhecimento que se vai passar no Ensino Fundamental e no Médio não é de ponta.

CE: *Esse tipo de formação de Ciências não entra em choque com uma tradição brasileira de ensino a partir das disciplinas?*

BG: Em quase todas as nações o professor da educação básica tem uma formação mais polivalente mesmo. Essa coisa do especialista é uma coisa do século XIX, que